

Podarcis bocagei (Seoane, 1884)

Lagartixa-de-Bocage

Lagartija de Bocage, Bocage's Wall Lizard

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

É considerada actualmente uma espécie monotípica. Até há pouco tempo, contudo, eram reconhecidas três subespécies distintas: *P. b. bocagei* (Seoane, 1884), na zona Noroeste da Península Ibérica, *P. b. carbonelli* Pérez-Mellado, 1981, no Sistema Central Ibérico e no litoral a sul do rio Douro, e *P. b. berlengensis* Vicente, 1985, nas Berlengas. Recentemente, e em consequência de estudos sobre morfologia e variação genética que evidenciaram a sua diferenciação, *Podarcis carbonelli* foi elevada ao estatuto específico, passando a subespécie *berlengensis* a ser atribuída a este novo *taxon* (Harris & Sá-Sousa, 2001, 2002; Sá-Sousa & Harris, 2002). Como tal, passou a incluir-se sob a designação *P. bocagei* apenas a antiga subespécie nominal. Estudos recentes, envolvendo quer a modelação da distribuição (Sá-Sousa, 2001a), quer a utilização de ferramentas genéticas (Pinho 2007; Pinho *et al.*, 2007a), sugerem que a distribuição de *P. bocagei* sofreu uma expansão pós-glacial em direcção a norte a partir de um único refúgio, provavelmente situado no sudoeste da sua área actual de distribuição, o que se reflecte na ausência de subestruturação genética significativa. Também com base em estudos de genética, foi observada hibridação pontual com duas outras espécies de lagartixas do género *Podarcis*: *P. hispanica* tipo I *sensu* Sá-Sousa *et al.* 2002 (Arntzen & Sá-Sousa, 2007; Pinho *et al.* 2007b) e *P. carbonelli* (Pinho *et al.*, *in press*). Em ambos os casos, a produção de híbridos viáveis foi também documentada em condições de cativeiro (Galán 2002b; D. Barbosa & M.A. Carretero, comunicação pessoal).

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

É um endemismo do Noroeste da Península Ibérica, com grande parte da sua distribuição situada a norte do rio Douro. O limite meridional da sua distribuição situa-se a cerca de 25–30 km a sul deste rio. Nesta região encontra-se, apenas, em áreas não muito distantes do litoral; à medida que se avança para norte, a sua distribuição alonga-se para o interior, sendo limitada por zonas de clima com influência predominantemente mediterrânica. Em Espanha, está presente em toda a Galiza, com excepção de algumas regiões mais áridas, e atinge, mais para o interior, as províncias de Zamora e Léon, as Astúrias e a Cordilheira

Cantábrica. Na região mais oriental torna-se extremamente rara, pelo que o seu limite de distribuição não foi ainda determinado com precisão (Galán, 2002a). Foram descritas diversas populações insulares na costa galega. É observada desde o nível do mar até aos 1900 m, em Peña Trevinca, Zamora (Espanha) (Galán, 2002a).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

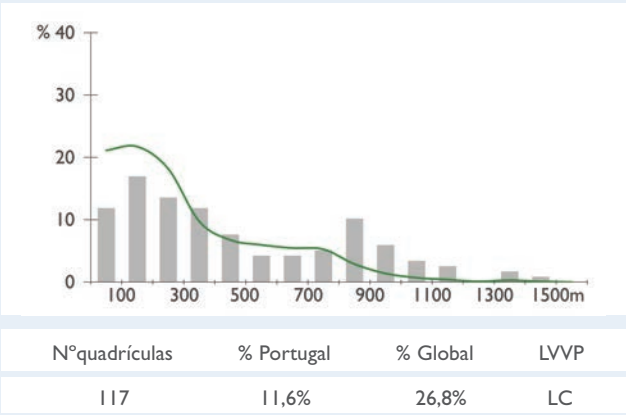
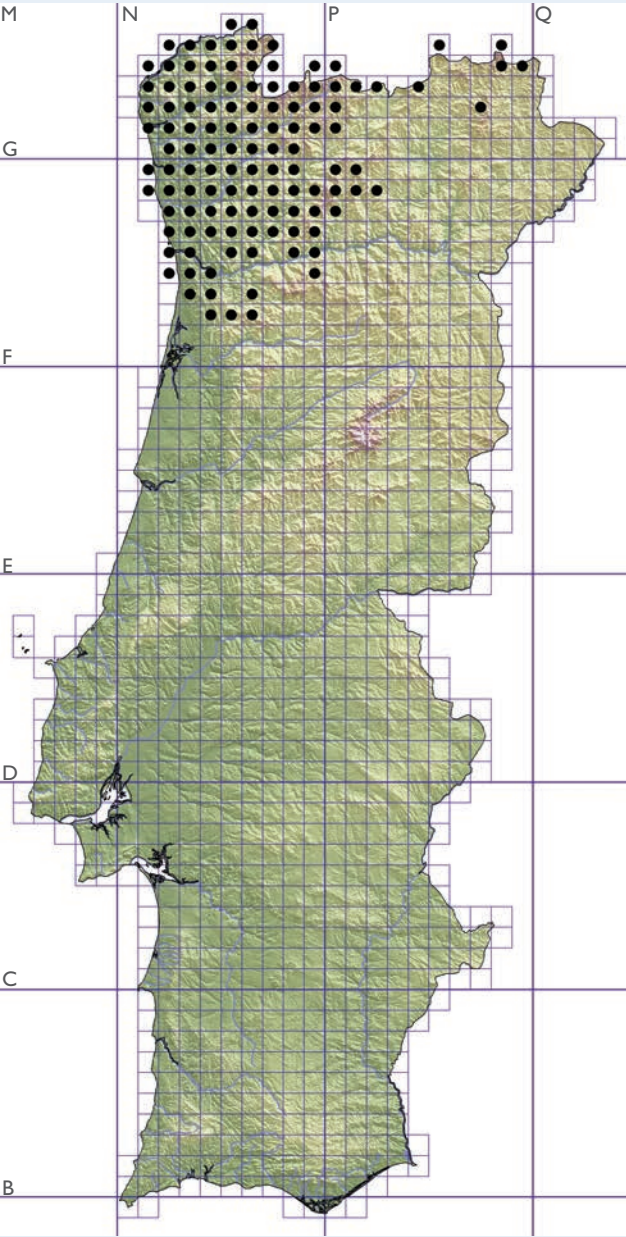
Está fortemente associada a zonas de influência atlântica, com clima relativamente húmido (Sá-Sousa, 2001a). Com excepção de uma pequena área que se estende desde o litoral a norte de Espinho até às Serras da Freita e Gralheira, a sua distribuição regista-se exclusivamente a norte do rio Douro. Ocupa de uma forma bastante contínua a metade Oeste desta região (Minho e Douro Litoral e a região mais ocidental e húmida de Trás-os-Montes), não penetrando nas áreas de marcada influência mediterrânica do Nordeste Transmontano. Nesta região, ocupa apenas uma estreita faixa setentrional, junto à fronteira com Espanha, que inclui as Serras de Montesinho e Nogueira, constituindo esta última população um aparente isolado em relação à restante distribuição. Encontra-se desde o nível do mar até aos 1500 m, nas Serras da Peneda e Gerês. Ao longo da sua área de distribuição, é uma espécie ubíqua e localmente abundante, podendo ocupar diversos habitats, em especial bosques caducifólios, zonas urbanizadas, matagais e pastagens húmidas (Galán, 1986). Em termos de microhabitat, pode ser observada quer em substrato rochoso, como fissuras de muros e rochas, quer no solo ou em taludes de terra, sob vegetação arbustiva (incluindo dunas costeiras) (Galán, 1986, 1994; Sá-Sousa, 2001a). Quando em simpatria com a sua congénere *P. hispanica*, espécie de carácter mais rupícola, parece ocupar mais frequentemente o segundo tipo de substrato (Galán, 1986).

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Devido à sua ubiquidade, abundância e pouca exigência em termos ecológicos, não parecem existir factores significativos de ameaça a esta espécie, tomando como referência a totalidade da sua área de distribuição. A nível local, porém, poderá haver ameaças pontuais resultantes da destruição do habitat favorável (como, por exem-

plo, sebes e muros) associada a práticas agrícolas intensivas ou plantação de monoculturas florestais. Outros casos especiais em que esta espécie poderá necessitar de medidas de conservação incluem as zonas próximas dos seus limites de distribuição geográfica, nas quais se torna rara, e as diversas populações insulares, onde permanece insuficientemente conhecida.

Catarina Pinho



Macho JcT



AL



Fêmea PhG